



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DA MALDIÇÃO À REDENÇÃO: A SUBJETIVIDADE DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL DE CASSANDRA RIOS EM “EU SOU UMA LÉSBICA”

Cilene Pereira Maximiano; Keila de Sousa Freire

Universidade Estadual da Paraíba (cilenemaximiano@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba (keila-de@hotmail.com)

Resumo

Entre as décadas de 40 e 70 a literatura brasileira conheceu e se estarreceu com a coragem e ousadia da escritora Cassandra Rios. A homossexualidade e o erotismo embasavam as obras desta mulher que ficou conhecida como “a escritora maldita”. Em uma de suas últimas obras, *Eu sou uma lésbica* (1979), ela nos mostra as dificuldades e desafios de uma pessoa homossexual em uma sociedade machista e preconceituosa. Dessa forma, o trabalho aqui desenvolvido primeiro contextualiza a mulher nessa sociedade de invisibilidade e, por conseguinte, analisa a obra pelo viés subjetivo (de brincar com as palavras para fugir da censura) que é característico da autora.

Palavras – chave: Mulher, representação, homossexualidade, literatura.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

O período entre 1948 (ano da publicação de *A Volúpia do Pecado*) e 1979 (ano de publicação de *Eu sou uma Lésbica*, uma de suas últimas obras) é marcado na história pela presença provocativa e incômoda da escritora Cassandra Rios e toda sua literatura de temática erótica. Em meio ao atordoado momento da Ditadura Militar e a crescente procura por suas obras, Cassandra transforma o meio social e literário por seu uma mulher representando mulheres lésbicas em uma sociedade amplamente machista e preconceituosa.

Diante disto, nosso trabalho é pautado na análise de alguns trechos do livro “*Eu sou uma lésbica*” de Cassandra Rios. A obra trata do amor fora da norma entre Flávia (menina de sete anos) e dona Kênia (vizinha e amiga de sua mãe). A obra, que é um marco sublime da escritora nos marca pelos vários questionamentos e desafios pelos quais um homossexual passa no decorrer de sua vida.

Em uma pesquisa de teor bibliográfico, autores como DUARTE (2003), LIMA (2009), SHWANTES (2006) foram consultados com o objetivo de entendermos o contexto social de produção e as próprias características de Cassandra Rios. Situar, contribuir e analisar a tão importante vida e obra desta autora faz deste trabalho um reconhecimento pessoal e social para a constituição da denominada Literatura Gay.

MULHER, LITERATURA E ESPAÇO

A representação da mulher é regida por normas sociais que enfrentou mudanças significativas ao longo do tempo dentro da literatura. Isso se deu conforme as possibilidades socialmente abertas à mulher que foram em consequência do acesso ao mercado de trabalho e ao ensino superior e a inserção em uma ordem social mais ampla. Os ideais de feminilidade professados pelas sociedades ocidentais baseiam-se nas relações de família, notadamente casamento e maternidade. Sendo assim, a fonte da realização de uma psique feminina normal.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Daí decorre as diferentes formas de exclusão da mulher do mercado de trabalho e mesmo quando a absorção ocorria, a atribuição do trabalho doméstico era quase que exclusivamente ligado à mulher.

Nos séculos XVIII e XIX, a literatura de autoria feminina já havia despontado com força na Europa e nos Estados Unidos. Contudo, no caso brasileiro, devido a questões de poder e de ideologia, a inserção da mulher no cenário literário foi lenta e árdua. A institucionalização da leitura e da literatura foi francamente discriminatória; prevalecia o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, e, portanto, sua forma de pensar e de escrever também o seria. Assim, ainda que a capacidade intelectual de muitas mulheres fosse inquestionável, muitas vezes só existia de modo potencial.

A importância que o sujeito feminino tem para a teoria feminista e para a discussão de gênero faz repensar as assimetrias do sujeito feminino na literatura e na história. De certa forma, esses estudos assemelham-se às iniciais discussões a respeito da literatura escrita por mulheres, mesmo que em certas circunstâncias o movimento feminista não tome para si as discussões sobre a homossexualidade feminina. É importante considerar que o início das contestações feministas foi responsável por abrir espaço ao movimento de visibilidade lésbica travado por algumas feministas, além de abrir caminhos para a discussão sobre os estudos acerca da literatura de temática lésbica.

Nos anos 90, o impacto dos primeiros movimentos de ruptura com a tradição já tinha sido absorvido. O trabalho de desconstrução dos padrões sociais já percorreu um considerável caminho e as novas indagações que a literatura propõe refletem as perplexidades que despontam no começo do terceiro milênio. Como aponta Cláudia Castanheira:

"Envolvidas pelas novas perspectivas de transformações sociais, a mulher reformula suas atitudes e força (ou tenta forçar) a sua entrada no mundo masculino, reivindicando o direito de igualdade com os homens." (p.8)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O primeiro movimento feminista surgiu na segunda metade do século XIX e ajudou a disseminar a escrita da mulher no Brasil. É nessa época que, influenciadas pelo pensamento cientificista, as mulheres começam a publicar mais intensamente e surge uma imprensa feminina, onde circulam jornais e revistas voltados para os seus interesses.

Muitas escritoras surgidas nas décadas anteriores prosseguem publicando na atualidade, assim como despontam novos e promissores talentos que tendem a representar e atuar. Graças a esforços conjugados, pode-se dizer que a reconstrução de uma tradição literária feminina no Brasil já está bem estabelecida, já se sabe que a lista de nomes femininos em nosso passado literário é bastante extensa, embora, em sua grande maioria, esses nomes tenham amargado uma longa permanência na invisibilidade.

O empoderamento da voz autoral feminina anunciava também um movimento que lutava de forma desafiadora contra o silêncio e a invisibilidade impostos aos sujeitos homossexuais, por parte do pensamento patriarcalista e heterossexista dominante. Por isso, a representação da imagem lésbica pela ótica da escritora lésbica demonstra que as escritoras assumem um olhar sobre o sujeito homossexual diferente da perspectiva masculina que tem por finalidade normatizar e jogar às margens quem pretender falar o contrário do que lhes foi conferido.

Através da escrita que facilitava o acesso dos leitores pouco acostumados a ler Cíntia Schwnates (2006, p. 6) diz:

"Uma coisa que não pode ser ignorada é que toda a representação tem como horizonte um público que vai recebê-la e que vai aprová-la ou não – e as representações que estão em dissonância com o meio muito provavelmente serão malditas, outsiders, escandalosas."

Talvez por isso Cassandra tenha sido uma das personalidades mais censuradas. Tratava-se de uma mulher escrevendo sobre tesão de mulher, numa sociedade cuja



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

predominância religiosa afirmava que a mulher apenas se deitava com um homem para gerar filhos de Deus. Seus livros surpreendiam.

Rios foi considerada imprópria, pornográfica e imoral; uma escrita que não está no verdadeiro não apenas porque é ficcional, mas porque dá vida a temas espinhosos para a época, entre eles o lesbianismo, as desigualdades sociais, a prostituição, o travestismo, o uso de drogas. Seus textos tratam de experiências que não condizem com o modelo desejado e exigido, não se colocam na episteme da sociedade da época.

A “INOCÊNCIA” REPRESENTATIVA DE “EU SOU UMA LÉSBICA”

No artigo “Dilemas da representação feminina” de Cíntia Shwantes (2006, p.6) ela diz que “a literatura é a carreira artística mais longamente exercida pelas mulheres”. A contradição intrínseca à essa afirmação surge quando retomamos conhecimentos sobre a literatura de autoria e representação feminina. A estigmatização das personagens femininas nas obras literárias já é resultado das vivências reais em uma sociedade machista.

Esse rebaixamento social da figura da mulher encontra uma representação no movimento direcionado e formado por mulheres. O feminismo, movimento assim denominado pelo objetivo de igualdade de gênero “poderia ser compreendido em um sentido amplo como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo.” (DUARTE, 2003, p.8)

Diante de tantos bloqueios e proibições surge a escritora Cassandra Rios (pseudônimo de Odete Rios) que transforma a história da literatura brasileira por transpor as barreiras da sociedade de predominância masculina. Cassandra, sendo denominada como escritora maldita pelo seu teor erótico, nasceu em São Paulo no ano de 1932 e começou a escrever aos treze anos com os contos Tião, O Engraxate e Uma Aventura Dentro da Noite, publicados no jornal



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O Tempo. Aos 16 anos, com ajuda financeira da mãe, Damiana Rios, ela escreve seu primeiro livro: *A Volúpia do Pecado* (1948).

Filha de espanhóis erradicados no Brasil, Cassandra aceita a ajuda de sua mãe com a condição de que Damiana jamais lesse alguma de suas obras e o motivo para tal decisão é o fato de grande parte da obra da escritora ter como tema o lesbianismo. Com uma bibliografia de mais de cinquenta obras, Odete Rios é a primeira escritora brasileira a atingir a marca de um milhão de exemplares vendidos. Diante de tanto alcance através de suas obras, ela foi a mais censurada pelos militares e 36 de seus livros foram retirados de circulação devido Ditadura Militar. No momento de censura, a escritora utilizou mais dois pseudônimos: Clarence Revier e Oliver Rivers.

Processo, prisões, interrogatórios, humilhações foram as consequências enfrentadas por uma mulher que “tinha medo apenas de sua coragem”. O retrato das personagens lésbicas de suas produções transcenderam as páginas de seus livros e entraram em seu cotidiano como se aquilo retratado fosse uma autobiografia.

A personagem lésbica, diferentemente dos outros autores que se propuseram a escrever sobre, em Cassandra Rios encontrou o espaço central da narrativa, e é por esse motivo que ela é considerada a pioneira da literatura lésbica no Brasil. Transpondo os limites do gênero, as narrativas são verdadeiros gritos em defesa da diversidade sexual.

Rios escreve uma autobiografia (*Mezzamaro Flores e Corais: o pecado de Cassandra*). Em seu escárnio escrito, ela deixa evidente a distinção entre Odete e Cassandra sendo a primeira uma mulher pertencente a família tradicional e aliciada a seguir as regras da sociedade ela casa-se, porém um casamento apenas para satisfazer as ordens da sociedade patriarcal; enquanto a segunda era onde a mulher se encontrava e se inebriava através de seus personagens. A Cassandra sobrevivia persa em Odete, mas Odete libertava-se através de Cassandra. A “escritora maldita” falece em 2002.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Eu sou uma lésbica (1979) é apenas um entre seus célebres romances e conta a história de Flávia e Kênia (personagens principais). Flávia, no início da narrativa é uma criança de sete anos de idade que já se sente diferente e se apaixona pela amiga e vizinha de sua mãe.

“Eu tinha sete anos. E sofria. Ardentemente. De ansiedade. E já sentia vergonha. Inusitadamente ou, de modo mais correto, intuitivamente, eu guardava segredo do meu sentimento ansioso, de expectativa, de espera pelas visitas de dona Kênia.” (RIOS, 2006, p.15).

O primeiro contato entre as personagens citadas ocorreu embaixo da mesa quando Flávia “cada vez mais atraída e, num impulso irresistível, segura-lhe a canela com a minhas mãozinhas, ao mesmo tempo que lhe dava uma estranha e demorada lambida.” (RIOS, 2006, p. 11-12).

Através desses dois trechos podemos perceber duas importantes caracterizações. O amor homossexual sempre foi reprimido e escondido nas narrativas em ambientes que nos remetem à escuridão, sujeira e esconderijos. Ou seja, a mesa, nesse caso “esconde” o desejo não permitido da menina pela mulher por dois motivos: por se tratar de outra mulher (homossexualidade – perversão) e por ser uma amiga de sua mãe. A outra importante caracterização é a não aceitação da própria personagem pela sua condição sexual quando ela diz “vergonha” em sua narração. Esse aspecto é bastante peculiar à Cassandra Rios em suas histórias, a personagem tem reprimenda ao que é, porém, não deixa de viver sua condição adversa.

“A narrativa de Odete Rios mistura ânsia de reconhecimento, culpa, e os enterditos da sociedade onde viveu”. (LIMA, 2009, p.69)

As primeiras páginas do romance (apresentação do espaço e dos personagens) já nos mostra o grande conflito dessa narrativa. Nesse cenário surge mais um desafio a ser transposto por Flávia no seu encantamento por dona Kênia: Eduardo, o marido da vizinha.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Esse personagem surge na narrativa na fala de dona Kênia dizendo que ele “fica uma fera quando telefona ou chega em casa e não me encontra. Ele vive reclamando por que vou tanto ao supermercado, por que não compro tudo de uma vez ou não mando a empregada. Ele chama horrível mulher ficar metida na casa dos vizinhos. Eduardo é um horror.” (RIOS, 2006, p.16)

A descrição do marido de dona Kênia nos remete a imagem da sociedade machista vigente: O homem que sai para trabalhar e não gosta ou sente-se ameaçado quando a mulher sai do ambiente do lar consagrado. Essa saída (no caso para a casa da vizinha ou supermercado) significa a fuga da mulher das quatro paredes que sempre as prenderam e as deixaram como parte excluída do convívio social.

Cassandra Rios continua desenvolvendo sua história de modo que os sentimentos do desejo e da cassação andam juntos. As visitas de dona Kênia quando não ocorriam (por motivação de seu marido) deixava a menina Flávia angustiada e foi a partir daí que Eduardo se transformou em obstáculo a ser vencido pela criança que tanto desejava aquele cheiro e toque. O amor platônico transforma-se na razão das tardes de Flávia.

A “inocência” do ato da criança de lambar a perna de uma mulher mais velha que, a primeira vista era sem intenção, é continuada por Cassandra na figura do cachorrinho:

“Eu queria ficar sozinha com ela e lambar os seus braços, o seu rosto, os seus pés perfumados, para que ela risse de novo e me chamasse de cachorrinho sem-vergonha (...)” (RIOS, 2006, p.19)

Um ponto que não poderia deixar de ser citado dessa narrativa é o que diz respeito a não aceitação da sociedade das pessoas homossexuais. Os chamados guetos eram os locais destinados para que os gays, lésbicas e travestis frequentassem. Ou seja, a segregação social estipulava ambientes, comportamentos e pessoas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Eu sou uma lésbica descreve, através da protagonista Flávia, uma cena constrangedora num baile de carnaval. Estava proibida a entrada para gays, mas um grupo composto por um moço afeminado e uma mulher masculinizada (acompanhada de outra feminina) tentando se passar por um casal heterossexual foi descoberto e agredido:

“O pau preto desceu na sua cabeça e as pernas da machona dobraram. Comprimi o peito com as mãos sentindo algo estranho e violento. Revolta. Pena. Lástima e acima de tudo vergonha. Meu carnaval estava estragado. Virou quaresma. O espetáculo era triste demais para mim.” (RIOS, 2006, p.98).

A consternação da personagem não é apenas com a violência praticada contra a mulher/masculinizada e o gay, mas também a falta de solidariedade entre os homossexuais. Cassandra nesse trecho critica a opressão ao homossexual, como a não existência de um movimento organizado em torno nas minorias.

As relações entre pessoas do mesmo sexo sempre foram questionadas e desvalorizadas. O “desvio sexual” se configurava em não conseguir ter outra pessoa apenas para si e que essa também lhe encarasse de forma séria. No livro, a personagem Flávia (agora com mais idade) conhece uma menina chamada Núcia com a qual se envolve e se apaixona. Porém, Núcia é descoberta com o Eduardinho em situação de também envolvimento e isso abala profundamente as esperanças de Flávia conseguir uma relação saudável e valorizada:

“E o que me fez cambalear e sair correndo daquele apartamento foi a voz pastosa e nojenta de Núcia, bêbada, que gritou, enquanto uma risada de homem fazia ao fundo à minha dor: Não amole, nós não vamos sair daqui hoje...” (RIOS, 2006, p. 91)

Num contexto de negação e inexistência de visibilidade Cassandra Rios institucionalizou sua obra de forma que consegue mostrar todas as faces de uma pessoa (no caso, as lésbicas). Em obras que cobrem quatro décadas de vida brasileira, suas personagens



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

são virgens femininas, assumidas, masculinizadas, pertencentes à burguesia até as operárias, das adolescentes até as mulheres maduras.

Passando pela vida de uma personagem entre os sete e vinte e oito anos de idade, Eu sou uma lésbica retrata questionamentos e dificuldades de aceitação pessoal e social de uma menina homossexual. O que nos chama atenção e que abrilhanta essa obra são os títulos dos capítulos. A vida aqui representada começa com um “Vamos brincar de gatinho?”, passa pelo “O meu estranho mundo secreto” e finaliza com “A criança é o verdadeiro monstro sagrado”. Todas as fases compelativas e tortuosas resumidas na genialidade de Cassandra que corar uma sublime obra através da linguagem simples, direta e sem o excessivo uso de adjetivos para descrever cenas e personagens.

A “cereja do bolo” dessa obra é apreciada em sua última parte da narrativa. Dona Kênia, por motivação de um câncer que aflige seu marido, é obrigada a mudar-se para a Itália a fim de conseguir tratamento adequado. Totalmente desamparada pela notícia da partida de sua paixão platônica, Flávia decide abater o causador de tamanho sofrimento e dor (o marido). Em sua visita de despedida à vizinha e seu grande amor, a menina cobre sua mão com guardanapos e tira as lâmpadas dos abajures. Esfarelando todas as lâmpadas ela joga o pó dentro da sopa que Eduardo toma antes que comece a viagem. Minutos depois da partida, ele sente-se mal e bate com o carro em um poste morrendo instantaneamente e deixando dona Kênia gravemente ferida. Após serem encontrados os pedaços de vidro dentro do corpo do marido, foi dada a sentença de seu suicídio. Este fato, então, jamais fora descoberto e apenas revelado no final da narrativa.

“E fui moendo as lâmpadas, que eram especiais para o meu intendo maquiavélico e frágeis para as minhas não menos frágeis mãos, depois de tentar moer cacos de garrafas sem conseguir. O pozinho branco foi enchendo o guardanapo. Fiz meu pacotinho e fiquei rondando, quando o doutor chegou com a sua cara azeda para almoçar e levar Kênia embora daquela casa e de mim para sempre. Ele sempre demonstrava desagrado quando me encontrava lá e' procurava disfarçar tal sentimento passando a mão pela minha cabeça. Eu odiava esse gesto e desviava o corpo, olhando para ele com os olhos apertadinhos, 'como se assim conseguisse esmagar sua figura entre os cílios de aço dos meus fantásticos olhos. Eu pensava' assim. Incrível, a fantasia do absurdo mundo da criança, mas eu apertava os olhos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

para olhar pro seu Eduardo com todo o rancor que existia dentro de mim por ele.”
(RIOS, 1979, p. 131)

Outro fato revelado só ao final da narrativa é o envolvimento sexual das duas personagens quando Flávia ainda era criança. Aos vinte e oito anos de idade a eterna vizinha reaparece e a narrativa deixa subtendida mais uma relação carnal entre as duas.

Diante de uma narrativa que guarda para o final a maior surpresa, Cassandra Rios conduz seu enredo de forma que as cenas carregadas de desejo entre as duas personagens sejam secundárias. Os desafios, sofrimentos, perguntas pelas quais a personagem lésbica passa sejam os maiores atrativos da história. Cassandra nos encanta com singulares narrativas através de algumas de suas inúmeras características: coragem, sutileza e criatividade.

CONCLUSÃO

Nesse texto objetivamos contextualizar e fazer entender como se dava o espaço da mulher no período de produção de Cassandra Rios. A análise, dessa forma, é resultado da época vivida por uma mulher que, como todas as outras, era obrigada a seguir a normalização heterossexista da sociedade, mas que se utilizou de sua coragem para representar, principalmente, as minorias excluídas.

A norma exclui aquilo que foi representado de forma sem precedentes por essa escritora. Os discursos preconceituosos e acusadores eram driblados por uma linguagem simples e direta que poderia alcançar qualquer nível da sociedade (mais um motivo de tamanho sucesso) e as máscaras da “normalidade” caíram diante dos pés de uma mulher conhecida como “a escritora maldita”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras Brasileiras: Percursos e Percalços de uma árdua trajetória. 12 p. Disponível em:

<http://www.unig.br/cadernosdafael/ARTIGO%20CADERNOS%208%20CLAUDIA%20CASTANHEIRA.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estud. av.* [online]. 2003, vol.17, n.49, pp. 151-172. ISSN 0103-4014.

LIMA, Maria Isabel de Castro. Cassandra, rios de lágrimas: Uma leitura crítica dos inter(ditos). Florianópolis, 2009. 82 p.

RIOS, Cassandra. Eu sou uma lésbica. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Devassa, 2006. 143 p.

SCHWENATES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. OPSIS - Revista do NIESC, Vol. 6, 2006. 13 p.